



**Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Licenciatura em Letras/Português
Monografia em Literatura**

**MARINA LOPES RIBEIRO
MATRÍCULA 09/0070046**

**D. Quixote e Monteiro Lobato: o engenhoso caminho ao mundo
infanto-juvenil**

MENÇÃO	
---------------	--

ORIENTADOR(A): Profa.Dra. Lucia Helena Marques Ribeiro

Brasília- DF
1º SEMESTRE/2011

Marina Lopes Ribeiro

D. Quixote e Monteiro Lobato: o engenhoso caminho ao mundo infanto-juvenil

Monografia apresentada ao
Departamento de Teoria Literária e
Literaturas do Instituto de Letras da
Universidade de Brasília para obtenção
do título de licenciatura em
Letras/Português

Agradecimentos

Agradeço ao carinho, atenção e colaboração do meu marido que me auxiliou e apoiou para a realização desse trabalho.

Ao meu netinho por despertar em mim sempre um novo olhar com relação à natureza e ao mundo infantil.

Agradeço, de forma, particular, à minha orientadora professora Dra. Lucia Helena Marques Ribeiro, por sua paciência, amizade e, principalmente, pela sua competência.

E aos amigos e familiares pela colaboração e apoio.

RESUMO

Esta monografia trata do desenvolvimento do interesse pela leitura no público infanto-juvenil com ênfase no uso das adaptações de obras clássicas da literatura universal, enfatizando adaptações como as de Monteiro Lobato. Para tanto, foi realçada a necessidade da reflexão sobre as adaptações, a sua validade e o seu papel a serviço (ou não) do resgate do hábito da leitura. Por meio do pensamento de teóricos literários, discutiu-se o papel das adaptações analisando a obra *Dom Quixote das Crianças* de Monteiro Lobato.

Palavras-chaves: ensino; leitura; literatura; formação do leitor; contação de histórias

ABSTRACT

This monograph deals with the development of children's reading interest through the use of adapted classic readings, mainly the books of the brazilian author Monteiro Lobato. To achieve this objective it is briefly discussed the classic adaptations themselves, their validity as an instrument of obtaining knowledge and their role in assisting (or not) the increase of the children's reading habit. The discussion on the role of the use adaptations of classic literature in classes was centered in Monteiro Lobato's book *Don Quixote of the Children*.

Key words: teaching; reading; literature; reading training; telling stories

ÍNDICE

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	6
1. Literatura e leitura: a situação na escola.....	8
1.1. A infância na Idade Média.	8
1.2. A escola na França da Idade Média.	9
1.3. A literatura infantil a partir da Idade Média.....	9
1.4. Literatura infantil no ambiente familiar	10
1.5. Literatura infantil na escola.....	11
2. Os clássicos e as suas adaptações para o público infanto-juvenil.	17
2.1. O que é um clássico?.....	17
2.2. Os clássicos universais desde cedo.	17
2.3. Adaptações obras Literatura Universal para o público infanto-juvenil.....	21
3. O engenhoso fidalgo <i>Don Quixote de La Mancha</i> de Monteiro Lobato.	26
3.1. Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira.	26
3.2. Monteiro Lobato e o Sítio do Pica Pau Amarelo.	28
3.3. Dom Quixote das Crianças.....	29
3.3.1. Emília descobre Dom Quixote.....	30
3.3.2. As primeiras aventuras de Dom Quixote.....	32
3.3.3. As aventuras de Dom Quixote.....	33
3.3.4. Adaptações como <i>D.Quixote das Crianças</i> e os Clássicos Universais.	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O tema desta monografia tem origem nas minhas próprias dificuldades de entendimento dos Clássicos nas suas versões originais, o que provocou a procura de adaptações para facilitar meu processo de leitura. Nesse processo, passei por reflexões sobre o papel das adaptações de obras da literatura universal como forma de preparação e acesso à leitura dos Clássicos para o público infanto-juvenil.

Com estas questões em mente, iniciei este trabalho que resumiu-se a três etapas: a. reflexão sobre a questão da literatura e leitura na escola; b. discussão a respeito do papel das adaptações de obras da Literatura Universal para o público infanto-juvenil; e c. análise da adaptação da obra *Dom Quixote de La Mancha* feita por Monteiro Lobato.

O primeiro capítulo concentrou-se nos antecedentes históricos a respeito da infância e a sua relação com a escola a fim de identificar as origens da educação infantil e as suas características com relação ao ensino de literatura e leitura.

O segundo capítulo, dedicou-se à discussão sobre o papel das adaptações, já que os Clássicos representam uma bagagem da história e da literatura universal que está impregnada na cultura contemporânea, e têm referências a todo o momento na televisão, na publicidade, nos desenhos animados, livros adultos e infantis, nos filmes épicos, históricos e de ficção de forma adaptada ou interpretada por seus autores. Portanto, a discussão centra-se a respeito da importância do regaste das referências dessas produções que se vestem, mas que não declaram os Clássicos em que se basearam.

No terceiro capítulo, discutiu-se o papel das adaptações das obras da Literatura Universal e, em particular, a adaptação de *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, de Monteiro Lobato: *Don Quixote das Crianças*. A escolha desta adaptação deveu-se pelo fato do comprometimento de Lobato de expor ao público

infantil um universo literário ainda maior do que aqueles produzidos especificamente para sua faixa etária. Em suas adaptações, Lobato consegue ajustar o reino vasto da fantasia com o conhecimento de mundo infanto-juvenil num equilíbrio feliz, compreendendo que a mente do jovem leitor difere da do adulto. Além disso, vale ressaltar sua preocupação com a qualidade estética dessas adaptações, tornando-se, portanto, capazes de deleitar leitores jovens e adultos igualmente.

1. LITERATURA E LEITURA : A SITUAÇÃO NA ESCOLA

1.1.A infância na Idade Média

De acordo com o que escreve Ariès (1981)¹ sobre a infância ao longo dos tempos, na sociedade medieval, não havia uma diferenciação de faixa etária e, muito menos, formação específica para o mundo infantil. Quando as crianças deixavam de necessitar do apoio constante da mãe ou da ama, eram introduzidas ao convívio de sua comunidade e passavam a enfrentar uma realidade e convivência diária como qualquer indivíduo adulto. A infância era vista como um estado de transição da vida adulta. Não se dispensava um tratamento especial para as crianças, o que tornava difícil sua sobrevivência. A partir dos sete anos de idade, independentemente da sua condição social, as crianças eram entregues a famílias estranhas para aprenderem serviços domésticos. Os trabalhos domésticos não eram considerados degradantes e constituíam uma forma comum de educação nesta época tanto para os ricos como para os pobres.

Ele acrescenta que a primeira atitude na sociedade medieval que surge em relação à infância é a “paparicação”. Ela surge no meio familiar, quando os adultos, na companhia das crianças pequenas, passam a perceber o prazer provocado por suas maneiras e pelo prazer que sentem em paparicá-las. Uma das conseqüências desse hábito foi o surgimento de uma consciência com relação à inocência e a fragilidade infantil pelos eclesiásticos, homens da lei e moralistas do século XVII, que passaram a perceber as crianças como criaturas de Deus e, como tal, necessitadas de proteção e disciplina. No século XVII, a família passou a juntar estes dois elementos a um terceiro: a preocupação com a higiene e a saúde física. A afetividade, especialização de um traje para as crianças e a incorporação de castigos corporais formaram os primeiros mecanismos de distinção entre a criança e o adulto.

Além destes, houve outro fator importante para o estreitamento familiar: o crescimento econômico da classe burguesa criou a necessidade de manter a riqueza e os bens no meio familiar. Para evitar que as riquezas acumuladas pela família tivessem outro destino, deu-se o que pode ser considerado de início da "formação infantil". Essa

¹ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

formação consistia em proporcionar meios para o desenvolvimento intelectual da criança, fundamentalmente dirigidos para a manipulação de suas emoções.

1.2.A escola na França da Idade Média

Seguindo com as pesquisas realizadas por Airès (1981), nos séculos XVI e XVII, a noção de crianças bem educadas foi se formando por meio de pressões de pensadores e moralistas que ocupavam funções eclesiásticas. Os reformadores escolásticos foram o cardeal d'Estouteville, os Jesuítas, Oratorianos e os Jansenistas.

Nessa época, a escola formal era uma espécie de escola técnica destinada à instrução dos clérigos, e as crianças passaram a fazer parte de grupos formados por adultos ou, até mesmo, anciões. A disciplina escolar, portanto, teve origem na disciplina eclesiástica, com objetivo de formar religiosos. Poucas crianças permaneciam nessas escolas e seus conhecimentos eram adquiridos na sua participação na vida comunitária e por meio dos hábitos sociais do local onde conviviam.

A partir do século XVIII, a escola única foi substituída por um sistema de ensino duplo, dividido por faixa etária e de acordo com a condição social do aluno: o liceu ou o colégio para os burgueses (secundário) e a escola para o povo (primário).

1.3.A literatura infantil a partir da Idade Média

Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII como instrumentos de apoio ao ensino eclesiástico de natureza moralista e religiosa. Como mencionado anteriormente, antes dessa época, não havia o que chamamos hoje de “infância” e tampouco alguma produção literária dirigida para este público.

O início da literatura infantil pode ser identificado entre os anos de 1628 e 1703, nas histórias inspiradas nos contos maravilhosos (de fadas ou de encantamentos), fábulas, lendas, e narrativas populares da época. Essas histórias eram contadas para as crianças no período medieval com a intenção de transmitir os valores

burgueses durante o período de educação infantil. Um dos primeiros autores que marcaram o início da produção de histórias infantis é Charles Perrault, escritor francês que escreveu *Mãe Gansa*, *O Barba Azul*, *Cinderela*, *A Gata Borralheira*, *O Gato de Botas* e outros contos infantis. Nessa corrente, posteriormente, surgiram: Hans Christian Andersen, escritor dinamarquês, (*Patinho Feio*, *Os Sapatinhos Vermelhos*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Pequena Sereia* e outros); Carlo Collodi, escritor italiano (*Pinóquio* e outros); Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, escritores alemães (*Branca de Neve*, *Cinderela*, *João e Maria*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida* e outros); Lewis Carroll, escritor inglês (*Alice no País das Maravilhas*). No Brasil, os primeiros livros para literatura infantil surgiram por meio das traduções dos livros estrangeiros citados. A primeira produção nacional foi *A Menina do Narizinho Arrebitado* de Monteiro Lobato.

1.4.Literatura infantil no ambiente familiar

Conforme já mencionado, a literatura infantil aparece no contexto histórico social definindo a ascensão da burguesia e a posição que a criança passa a assumir na família. Segundo Lajolo e Zilberman (1999)², a nova unidade familiar, centrada na relação pais e filhos e fortalecedora do Estado, privilegia a criança como um ser merecedor de atenção especial com status próprio, para o qual convergem as preocupações com a saúde, a educação e a religiosidade.

Desde então, a literatura infantil passou a exercer função formadora, apresentando modelos de comportamento que facilitam a integração da criança na sociedade. Lajolo e Zilberman (1999)³ acreditam que a valorização da família na sociedade burguesa é a mola mestra para transformação da leitura em prática social, quando constitui atividade privada nos lares tendo, o livro como instrumento ideal para a formação infantil:

Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas (1999, p. 14).

² LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

³ Ibidem

A literatura infantil, portanto, exerce uma função social, pois é na infância que se forma o hábito da leitura. O ambiente familiar é a fonte da riqueza para o desenvolvimento infantil. É a nascente na qual a criança sacia suas necessidades, curiosidades e aprendizagens. Seria, portanto, o mais importante meio para introduzir a criança à leitura pelo prazer da descoberta. A criança pode não ter consciência das necessidades que a impelem para os livros, mas, uma vez introduzidas à leitura será uma forma lúdica para satisfazer a uma curiosidade inata ou desejo instintivo do conhecer. Dentro de pouco tempo, porém, a criança descobrirá que os livros poderão fornecer-lhe instruções preciosas sobre o modo de fazer ou realizar as coisas em que está interessada.

1.5.Literatura infantil na escola

De acordo com Lajolo (1986)⁴, a instituição escolar vem cumprindo o papel de avalista e fiadora de uma obra, assim como o papel de induzir o valor literário dos livros em circulação.

Começa assim, bem antigamente, o papel da escola como uma das mais importantes instâncias que legitimam uma obra, não só como boa ou má literatura, mas como literatura ou não literatura. Os traços de instituição avalista e sancionadora da produção que se pretende literária persistem em outras maneiras de dizer: a escola romântica, a escola de Recife e, mais uma vez, na maravilhosa irreverência de Mário de Andrade, para quem “em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade dum só. (1986, p.21)

A questão a ser levantada é como se dá este processo avaliador e fiador. É sabido que a natureza da escolha é formativa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, a seleção de livros educativos não deve centrar-se em conteúdos voltados ao ensino de valores morais e aos conceitos formativos, concentrados em questões sintáticas e descontextualizados da metalinguagem. Há uma variedade de gêneros textuais que podem ser trabalhados em sala de aula a fim de favorecer aos alunos o exercício da reflexão crítica, promover formas de pensamento mais elaboradas, assim como o de favorecer os usos de seus dons artísticos por meio da linguagem.

⁴ LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Marileide Souza (2009)⁵, realizou um estudo sobre o ensino da leitura e da literatura na escola, tendo como sujeitos da investigação, um grupo de alunos do ensino fundamental. A metodologia utilizada foi pesquisa aplicada e interpretativa sob o ponto de vista quantitativo e qualitativo com objetivo de investigar como é o ensino de literatura em sala de aula. Por meio de entrevistas com professores do ensino fundamental, foi investigada a recepção do público infanto-juvenil de algumas obras literárias, observando os aspectos individuais, coletivos e sociais. Ademais, foi elaborada uma pesquisa com alunos de uma escola pública municipal do ensino fundamental, 1º ao 5º anos da 1ª fase e do 6º ao 9º ano da 2ª fase do ensino fundamental, no município de Senador Canedo, Goiás.

As perguntas para os alunos trataram de: sua preferência pela leitura; quantidade livros lidos por ano; títulos dos livros lidos; destes, quais foram indicados pelo professor; qual livro gostou ou não; sua participação na escola na escolha dos livros lidos em sala; e sua opinião a respeito da literatura proposta pela escola. Já no questionário aplicado aos professores, as perguntas foram: quantidade de livros lidos por ano; qual o melhor e a razão; como é o trabalho de literatura em sala de aula e se há adequação com relação à faixa etária dos alunos; se os alunos participam da escolha dos livros a serem trabalhados; avaliação sobre a literatura na escola; se a escola possui biblioteca e como é utilizado o espaço; sobre a existência de um bibliotecário e se o acervo é de boa qualidade.

Esta pesquisa foi realizada no 2º semestre de 2008 e as perguntas foram planejadas a fim de verificar o ensino e aprendizagem da leitura através da literatura na escola pública brasileira, assim como os aspectos envolvidos nesse processo.

No resultado das pesquisas todos foram unânimes nas respostas positivas quanto ao gosto da leitura e à procura na biblioteca quando há indicação de livro pelo professor. Sobre as preferências e indicações de livros, apareceram

⁵ SOUZA, Marileide Alves Rocha. A Literatura na escola: prazer na formação do gosto experiência em leitura com alunos do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado. Brasília: Unb, 2009.

solicitações como *Chapeuzinho Vermelho* e *A Formiga e a Neve*. Com relação às obras indicadas pelos professores, os alunos não se lembravam do nome das obras estudadas. Ocorreram lembranças de escritoras como Ana Maria Machado e Ruth Rocha, mas estas leituras não foram intermediadas pelo professor. Além disso, nas respostas constatou-se uma confusão por parte dos alunos com relação ao conceito de livro didático e livro literário. Quase todas as respostas colocaram a literatura como um veículo de aquisição de conhecimento pedagógico, demonstrando que há uma confusão entre o significado de texto literário e de livro didático. Segundo a autora da pesquisa, isso se dá porque os livros didáticos contêm textos e, em alguns casos, é somente por meio deles que os alunos têm contato com a literatura. Constatou-se, ainda, que os alunos acham importante o estudo da literatura na escola por considerarem que ela está diretamente relacionada com a possibilidade de ascensão social ou a uma futura colocação no mercado de trabalho. Além disso, consideraram que a leitura contribui para melhoria na aquisição do conhecimento.

A pesquisadora verificou que o motivo principal do resultado obtido deve-se à deficiência de trabalho em sala de aula com variados textos literários de forma a proporcionar aos alunos um melhor entendimento sobre literatura e, por meio deste entendimento, proporcioná-los meios de realizar um possível entrelaçamento entre o mundo da leitura e a leitura de mundo, a transposição do real para o imaginário e vice-versa.

Na pesquisa junto aos professores da mesma escola, todos foram unânimes em comentar sobre a contribuição positiva da literatura na escola como forma motivadora do ensino da leitura e aquisição do conhecimento. Porém, o conhecimento considerado pelos professores não é o relacionado com o de mundo, mas sim o informativo nos livros de consulta. Com isso, os professores demonstraram ignorar que os alunos carregam um conhecimento de mundo prévio e que a literatura poderia servir como ponte para que eles refletissem sobre esses conhecimentos. Com relação à importância do ensino da leitura por meio da literatura a resposta também foi unânime.

A pesquisadora constatou que, aparentemente, o professor se transformou numa peça secundária na escola. Parece que a questão referente “ao que fazer” com o texto literário em sala de aula não é um problema de competência do professor. Esta competência é deixada para as editoras, eximindo-se, professor e escola, da responsabilidade do preparo da aula de literatura. Esse procedimento faz parte das chamadas modernas pedagogias, construídas por meio de receitas de aplicabilidade uniformes.

Ela conclui que há urgência da inserção crítica dos professores na história da produção de leitura e de leitores. Essa inserção garantirá a possibilidade de movimento entre teoria e prática com referência ao ensino na leitura em sala de aula.

A pesquisa com relação à pessoa responsável pela biblioteca das escolas mostrou que esta é, em geral, uma professora remanejada cuja preocupação principal é a de manutenção e catalogação dos livros. Não foi observado um desejo de formação de um leitor. Os procedimentos adotados na biblioteca não recebem a intermediação do professor. Não há um elo entre o que é lido e a realidade vivida pelo aluno da escola pesquisada.

Voltando à questão das preferências literárias constatadas, a pesquisadora constata que as obras mencionadas, *Chapeuzinho Vermelho* e *A Formiga e a Neve* são uma indicação de que os alunos ainda se sentem atraídos pelo universo dos contos maravilhosos. Portanto, a literatura infantil oferece um horizonte de criatividade e fantasia enquanto ficção, solidarizando-se com o mundo infantil, embora reforce sua diferença. Ademais, há uma reprodução dos confrontos entre a criança e a realidade adulta que atinge o âmago do universo infantil, alcançando uma intimidade nem sempre obtida pelos adultos. Desse modo, essa ação de solidariedade pode converter-se em hábito da leitura, uma das metas prioritárias do ensino e da arte literária.

A fim de realizar uma verificação desvinculada às instituições educacionais com relação ao gosto e acesso da leitura do público infanto-infantil, foi realizada pela autora desta monografia uma pesquisa rápida a partir de uma série de

perguntas que foram distribuídas entre amigos e conhecidos, pais de crianças na faixa etária de 07 a 13 anos. O questionário foi distribuído para 30 casais e as respostas foram dadas por 08 crianças de diferentes origens socioeconômicas. Umas estudam em escolas particulares e moram no Plano Piloto, outras em escolas públicas e residem nas cidades satélites, e ainda algumas são de Goiânia, Goiás. As perguntas estavam relacionadas ao costume da leitura em casa; tipo de leituras; se ganhavam livros de presente, caso positivo de quem; se costumam ler na escola e que tipo de leitura; sobre a lembrança do primeiro livro lido e sobre o título do último livro lido.

Com relação ao costume de ler em casa, das oito respostas recebidas, somente uma criança respondeu que não. O tipo de leitura informada foi de gibis e revistas infantis. A respeito de ganharem livros de presentes, três responderam que sim, mas não se lembram do título do livro. Quanto ao costume de ler na escola, todos responderam que sim e os tipos de leituras informadas foram muito variadas, uns responderam que são gibis e revistas, outros responderam que são fábulas e alguns somente informaram que são livros. Somente três crianças se lembram do primeiro livro: *Cebolinha, um cara de sorte; Gibi da turma da Mônica* e *O Macaco e a Mola*. Seis crianças informaram que o último livro lido foi: *Gabriel e a Torre de Pedra; A Face Oculta do Amor; Sinto Raiva; Um Fantasma no Campo de Futebol; Alice no País das Maravilhas* e *O Menino Maluquinho*.

Além dessas perguntas, foram listados os seguintes livros para que as crianças informassem quais já haviam lido:

- a. *Chapeuzinho Vermelho*: todos responderam que sim;
- b. *Rapunzel*: todos responderam que sim;
- c. *Artur e os cavaleiros da tábua redonda*: três responderam que sim;
- d. *Merlin*: seis responderam que sim;
- e. *O médico e o monstro*: cinco responderam que sim;
- f. *As aventuras de Gulliver*: cinco responderam que sim;
- g. *Robson Crusóé*: dois responderam que sim;
- h. *Don Quixote*: cinco responderam que sim;
- i. *Romeu e Julieta*: todos responderam que sim;

- j. *Macbeth*: 05 responderam que não, sendo que um respondeu que nunca ouviu falar e somente 01 respondeu que sim.

Pôde-se constatar nessa pequena amostra que o gênero literário preferido do público infanto-juvenil é o gibi e que, inclusive, é lido em sala de aula. A maioria se lembra do primeiro e do último livro lido, sendo que os gêneros continuam relacionados aos gibis para alguns e, para outros, prevalece os gêneros aventuras e histórias *fantásticas*. Dos livros citados, somente *Macbeth* foi o livro desconhecido pela maioria. Sendo que os clássicos mais populares como: *Chapeuzinho Vermelho*, *Rapunzel* e *Romeu e Julieta* foram lidos por todos.

2. OS CLÁSSICOS E AS SUAS ADAPTAÇÕES PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

2.1.O que é um clássico?

Uma obra clássica é aquela que, pela sua qualidade estética e pela sua recepção pelo público e pela crítica de qualquer época, ou pelo no chamado "cânone" permanece marcante e atemporal para os seus leitores. Segundo Italo Calvino⁶, "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer":

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo. (2000,p.11)

Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados, inéditos, quando são lidos de fato. Por este motivo, são livros que conseguem ser eternos e novos ao mesmo tempo.

2.2.Os clássicos universais desde cedo

Ainda segundo Calvino (2000)⁷, as leituras da juventude são, normalmente, distraídas e despercebidas devido à sua inexperiência das instruções para o uso e devido à sua experiência de vida. Porém, nem por isso deixam de ser formativas no sentido de que dar forma às experiências futuras por meio de escalas de valores e paradigmas de beleza. Tudo tem o seu valor de contribuição, mesmo que a recordação na fase adulta seja pouca ou nula.

A este respeito, Vygostsky (1988)⁸, um pensador importante na área de desenvolvimento intelectual infantil, sempre defendeu a importância da dimensão social e interpessoal, na construção do sujeito psicológico. Para ele, a memória reage como um

⁶ CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁷ *Ibidem*

⁸ VYGOSTSKY, L. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Icone, 1988.

processo cognitivo estruturado por um conjunto de operações que respondem às regras de integração com o meio ambiente com substratos neurais específicos. Este processo de integração resulta no registro, permanente ou não, de uma experiência através do tempo e, em mudança no comportamento relativamente duradoura, permite a continuidade do indivíduo, preservando sua identidade, ao longo das variações que compõem as experiências do cotidiano. Existem dois tipos de memórias: a de curto prazo e a de longo prazo que podem ficar armazenadas por um período de tempo quase ilimitado, por toda uma vida. Além disso, existe também uma divisão das memórias que se dá de acordo com o conteúdo das informações em relação ao momento, local e/ou contexto onde foram adquiridas. Dessa divisão, destaca-se a memória autobiográfica (longo prazo) que é uma evocação de datas, eventos e incidentes pessoais através do tempo, ou seja, a evocação do passado. Ela é distinta de outros tipos de memória pela sua capacidade auto-reflexiva de memorização. Ela se constitui por um conjunto de informações e lembranças particulares, acumuladas por um indivíduo desde o seu nascimento e que lhe permite construir um senso de identidade e de continuidade.

Piaget (1979)⁹, por sua vez, defende que o desenvolvimento intelectual se dá por meio da aquisição de conhecimento pela criança, e a capacidade de representações mentais e o raciocínio evoluem ao longo de estágios sucessivos de desenvolvimento com estímulos progressivos de conhecimento.

Estas teorias sobre o desenvolvimento infantil são importantes fontes de informação para um trabalho direcionado ao desenvolvimento e motivação do público infante-juvenil em seus contatos com os clássicos. Destaca-se abaixo um depoimento de Ana Maria Machado ¹⁰ com relação ao seu primeiro contato com um clássico:

Mas nunca vou esquecer as aventuras de Dom Quixote que meu pai foi me contando ao poucos, com suas próprias palavras, enquanto me mostrava as ilustrações....Só algum tempo depois eu as reconheceria como bicos-de-pena de Gustavo Doré, ao ler aquelas aventuras por conta própria em outra edição – O Dom Quixote das Crianças, na adaptação de Monteiro Lobato. Lembro dos moinhos de vento, dos rebanhos de carneiros, de Sancho sendo jogado para o alto a partir de

⁹ PIAGET, Jean. *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

¹⁰ MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

uma manta estendida como cama elástica, das surras que o pobre cavaleiro levava, de sua prisão numa jaula transportada por uma carroça...Mas lembro, sobretudo e para sempre, de como eu torcia por aquele herói que queria consertar todos os erros do mundo, ajudar todos os sofredores, defender todos os oprimidos. Em seu esforço para lutar pela justiça e garantir a liberdade, o fidalgo não hesitava em enfrentar os mais tremendos monstros, os mais perversos feiticeiros e os mais poderosos encantamentos. Nunca desanimava, mesmo tomando cada surra terrível, quando esses perigos ameaçadores se revelavam apenas alguma coisa comum, dessas que a gente encontra a toda hora no mundo. E então, as pessoas achavam que Dom Quixote era maluco, riam dele. Eu não ria. Metade de mim queria avisar ao cavaleiro: Fique quieto no seu canto, não vá lá, não, porque não é nada disso que você está pensando... A outra metade queria ser igual a ele. Até hoje. [...] Engraçado como todas essas lembranças infantis fica tão nítidas e duráveis. Talvez porque nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito funda. Talvez porque sejam muito carregadas de emoção. (2002, p.9-10)

Na experiência relatada pela escritora Ana Maria Machado, seu pai desempenhou o papel de narrador de uma entidade fictícia e lhe coube a tarefa de enunciar o discurso. O narrador é um sujeito com existência textual, e neste caso, o pai foi um narrador oral que desempenhou um eficiente papel no seu compromisso de facilitar o entendimento da sua filha com relação à complexidade da história a ser contada. O narrador transcreveu a ideologia e estética dos textos que estava narrando de forma a se aproximar do leitor.

Quem sabe esta não poderia ser uma boa abordagem de aproximação dos clássicos ao público infanto-juvenil, ou seja, tradição literária conhecida por meio de histórias contadas e/ou lidas de forma empolgante e próximas a sua visão de mundo. Não é necessário que a primeira leitura seja fiel aos textos originais. O melhor é exatamente fazer do contrário, dependendo da idade e da maturidade do leitor. O que se deve fazer é procurar dar oportunidade para um primeiro encontro de forma sedutora de tal modo que possa se transformar numa agradável e prazerosa lembrança e esta que fique para toda vida. Assim, na oportunidade devida, poderá servir de convite para uma posterior exploração de leituras por conta própria.

Alguns jovens têm experiências diferentes da relatada acima, o único contato deles com a leitura é por meio de clássicos na infância como as histórias fantásticas adaptadas por Walt Disney como Cinderela, A Gata Borralheira, Chapeuzinho Vermelho, entre outros, por se tratarem de histórias populares infantis, com adaptações no cinema e de fácil acesso. Este processo também contribui para o acesso aos clássicos.

De acordo com Calvino (2000)¹¹, algumas vezes os clássicos não são lidos por escolha e sim por dever na escola que, por sua vez, exerce o papel de introduzir por bem ou por mal certo número de clássicos dentre os quais, os alunos selecionarão os “seus” clássicos. Como Ana Maria Machado¹² bem diz:

O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que somos feitos.(2002,p.12)

Consequentemente, se este primeiro contato com os Clássicos no ambiente escolar for de forma consistente e atrativa, provavelmente motivarão contatos futuros na fase adulta. Inclusive, Ana Maria Machado¹³ informa que, etimologicamente, a palavra “Clássico” seria uma derivação de “classos”, um tipo de embarcação, uma nave para longas viagens. Outra definição encontrada nesta pesquisa e talvez mais provável seja de que ela é uma derivação de “classe”, como sinônimo de sala de aula – confirmando idéia de livros de destaque, estudados na escola.

Talvez esta viagem em “classos” justifique a preservação dos clássicos em sala de aula a fim de ampliar o horizonte e conhecimento de mundo do público infante-juvenil. Existe um imenso patrimônio de obras clássicas acumuladas pelos séculos afora que nem temos noção sobre o seu conteúdo e a viagem que eles podem

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem.

nos proporcionar. Concordando com Ana Maria Machado (2002)¹⁴, é uma pena e um desperdício não preservá-los e deixar de promover um tipo de educação direcionada para este fim.

É importante ressaltar que a bagagem da história e da literatura universal está impregnada na cultura contemporânea e têm referências a todo o momento na televisão, na publicidade, nos desenhos animados, livros adultos e infantis, nos filmes épicos, históricos e de ficção de forma adaptada ou interpretada por seus autores. Portanto, representam o regaste das referências nessas produções que se vestem, mas que não se declaram os Clássicos em que se basearam. Assim sendo, a introdução dos Clássicos ao público infanto-juvenil poderá representar uma contribuição para associar estes conteúdos à história da literatura universal.

2.3. Adaptações de obras da Literatura Universal para o público infanto-juvenil

Para Calvino (2000)¹⁵, a leitura de um clássico deve oferecer alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Para garantir o primeiro contato dessa forma, ele recomenda uma leitura direta dos textos originais, devendo evitar um contato prévio com bibliografia crítica, comentários e interpretações. Acrescenta que:

A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de ouro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. (2000, p.12)

O primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência não precisa ser com o original, como diz Calvino. Muito pelo contrário, o ideal mesmo é uma adaptação. Talvez, ele não esteja inserindo os trabalhos de adaptação quando menciona “interpretações”. Segundo o artigo de Girlene Formiga (2005)¹⁶, *As adaptações de Textos Literários no Brasil: Um Gênero em Discussão*, retirado do Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil, realizado em Campinas em 2005, o

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ FORMIGA, Girlene. *As adaptações de textos literários no Brasil: um gênero em discussão*. In: 15º Congresso sobre Leitura, 2005. Campinas, Anais do 15º COLE. UNICAMP, 2005.

comportamento mercadológico confirma que os leitores leem os clássicos através das adaptações que podem variar conforme a apresentação de sua forma e conteúdo a depender do tradutor e do público alvo (criança, jovem ou adulto) e também conforme a editora. Adaptação representa um trabalho de um novo autor que elabora a adaptação de uma obra considerando uma série de fenômenos, como as variedades linguísticas, culturais e temporais, que construirão outro texto, resultado de uma relação entre o dito (o texto de partida) e o instituído pelo adaptador. Há uma aproximação entre os dois textos e não uma interpretação dos mesmos. Essa habilidade em estabelecer relações de equivalência entre elementos linguísticos, culturais e históricos dos textos é o que configura um trabalho de adaptação.

As adaptações de clássicos literários para jovens leitores circulam no Brasil desde o século XIX. Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen Müller são nomes que se destacam na área da tradução e adaptação de muitos clássicos da literatura universal. Monteiro Lobato também surge na literatura infanto-juvenil, não apenas como escritor e editor, mas como tradutor e adaptador. Hoje, outros nomes já estão consagrados como adaptadores em nosso país como Carlos Heitor Cony, Ana Maria Machado, Paulo Mendes Campos e outros.¹⁷

Segundo Maria Cristina de Gouvêa (2001)¹⁸, em seu artigo *A Literatura e o pó de pirlimpimpim*, a partir da década de 20, com a introdução das histórias da tradição oral europeia, indígena e africana como matrizes de suas narrativas no Brasil, deu-se início a transformação da literatura infantil apresentando mundos onde as possibilidades são definidas pela imaginação nas quais animais assumem características humanas, figuras se transformam, rompem-se o tempo e o espaço real. A literatura infantil iniciou-se centrada na espontaneidade e no lúdico, com a intuição exercendo um papel importante nos métodos de trabalho a fim de promover um processo de identificação das crianças mediante as obras literárias.

¹⁷ MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

¹⁸ GOUVÊA, S. M.Cristina. *A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim*. In: Lendo e escrevendo Lobato. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 134p (13-30)

Monteiro Lobato foi o pioneiro no Brasil com *A menina do nariz arrebitado*¹⁹. De acordo com Gouvêa (2001)²⁰, este livro estabeleceu novos referenciais, centrados no estabelecimento de uma linguagem fundada no recurso do fantástico e da imaginação. A partir de então, o escritor ultrapassou os limites literários delimitados para sua época com suas abordagens ousadas no sentido da passagem de uma linguagem realista que seria própria às narrativas endereçadas ao leitor adulto para linguagem mais próxima do conhecimento de mundo infantil.

Charles Perrault e os Irmãos Grimm (século XIX) são a gênese histórica e referência da literatura infantil européia com seus contos de fadas com personagens que mesclavam características humanas com características fantásticas. Essas produções foram inspiradas em histórias de tradição oral européia contadas na Idade Média dirigidas para os adultos e contadas para as crianças.

Apesar dessa tendência na Europa, conforme informado por Gouvêa (2001)²¹, os cânones brasileiros que regiam a produção da época (século XIX) não se afinavam com a linguagem fundada na imaginação como eixo de uma escrita dirigida à criança, pois consideravam que a literatura tomava a imaginação como característica relativa à psicologia infantil. Desta forma, foram contra a este tipo de produção para uma produção de caráter realista que retratasse o cotidiano infantil e que apresentasse modelos de comportamentos, valores e atitudes a serem incorporados pela criança. A justificativa para essa atitude era de que este mundo imaginário insinuava algumas características à infância perniciosas ao seu desenvolvimento em relação à lógica adulta.

Monteiro Lobato rebelou-se contra essa atitude e deu início a uma produção literária como forma de releitura e modernização dos contos de fadas, dos textos orais europeus da Idade Média, dentre outros. A sua intenção era escrever livros onde as crianças quisessem morar, conforme sua experiência de leitura infantil. Para ele, a leitura não deveria ter efeitos morais e doutrinários e sim prazerosos. Como fruto desde desejo de criar um universo de inserção num espaço e tempo para além do real,

¹⁹ LOBATO, J.B. Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Nacional, 1931.p.226.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

surgiu o Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde se rompem os limites entre a realidade e a imaginação. O escritor não contou somente histórias do folclore brasileiro e dos contos de fadas, como também expressou elementos da realidade da época de sua obra com situações de comportamentos sociais.

Apesar da grande receptividade infantil, a dos críticos literários não foi das melhores. Lobato não se deixou abater pelas pressões da crítica e continuou suas histórias sobre a saga do Sítio do Pica-Pau Amarelo com explorações ainda mais audaciosas. Nesse caminho, surgiu *Reinações de Narizinho*²², onde um Pó de Pirlimpimpim tornou possível o passeio por outros universos além do *Reino das Águas Claras*. Nesses universos, Lobato acrescentou releituras da mitologia grega e de clássicos como Peter Pan e Dom Quixote. Mais críticas são feitas, inclusive por Jorge Amado, afirmando que esta transposição do real para o fantástico é desnecessário e prejudicial na literatura infantil.

O sucesso alcançado pelas obras de Lobato, com muitas reedições, confirmou o acerto da perspectiva com relação à linguagem fundada na imaginação dirigida à criança e serviu de inspiração para obras posteriores.

Essa receptividade pode ser justificada pelas teorias relacionadas à psicologia da educação como a de Piaget, por exemplo, de acordo com Maria Cristina Gouveia²³:

O modelo piagetiano foi fundamental para a construção de uma visão de infância como período de vida caracterizado por uma estrutura mental qualitativamente diferenciada da estrutura mental de um adulto e, ao mesmo tempo, sua gênese. Sua perspectiva contribuiu para compreender a especificidade da infância em nossa sociedade. Neste sentido, possibilitou superar concepções anteriores que compreendiam a infância apenas como ausência de uma racionalidade.(2002,p.26)

Assim sendo, se a estrutura mental infantil está centrada na racionalidade mesmo que investida de imaginação e criatividade em seu mundo imaginário e egocêntrico, nada mais oportuno do que explorar os conteúdos da literatura clássica em

²² Ibidem

²³ Ibidem

adaptações centradas no conhecimento de mundo infantil neste tempo contemporâneo. A comprovação disso só será possível a partir de um trabalho aplicativo de forma conferir sua efetividade no sentido de preservação de um tesouro histórico literário.

3. O ENGENHOSO FIDALGO *DOM QUIXOTE DE LA MANCHA* DE MONTEIRO LOBATO

3.1. Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira

Ainda acabo fazendo livros onde as crianças possam morar.
(M.Lobato)

No século XIX, era comum intelectuais brasileiros traduzirem livros estrangeiros a fim de atender a demanda interna do mercado literário. Inspirados nas obras traduzidas, estes intelectuais acabavam por produzir suas próprias obras. Monteiro Lobato era um dos tradutores e intelectuais da época. Segundo Adriana Vieira²⁴, ele tinha em seus planos literários a criação de uma literatura infantil diferenciada da concepção modelar estrangeiras. Para ele, todos os livros poderiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil.

Numa carta direcionada à Godofredo Rangel²⁵, (as cartas posteriormente foram produto do livro *A Barca de Gleyre* (1955)²⁶, o autor revela suas idéias com relação a transformar as fábulas de Esopo e de La Fontaine em formas nacionais e com mudanças nos aspectos relacionados à moralidade:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade **como é natural**. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Nada vejo nada.

²⁴ VIEIRA, Adriana S. *O livro e a leitura nos textos de Lobato*. In: Lendo e escrevendo Lobato. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 134p (45-60)

²⁵ Um amigo que conheceu numa república de estudantes em São Paulo chamada de “Cenáculo” com o qual Lobato passou a se corresponder após a mudança do mesmo para Campinas

²⁶ *A Barca de Gleyre*, v.2, p.104, grifos da Adriana Vieira. Os trechos citados da obra lobatiana, adulta (edição de 1959) e infantil (edição de 1952), tiveram ortografia e acentuação atualizadas.

Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta (...) É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos...(1959, p.104)

Este desejo surgiu após observar sua esposa contando histórias aos seus filhos: Lobato percebeu que os aspectos referentes à moralidade não eram notados pelos pequenos, mas sim os aspectos aventureiros. Além disso, havia um problema conceitual com relação ao cenário das histórias contadas que eram diferentes daquelas vivenciadas pelas crianças no Brasil. Ele compartilha com o amigo a sua percepção com relação à necessidade de uma mudança na literatura infantil. Era importante retirar o “falar difícil”, a “literatice” dos textos literários infantis partindo do ponto de vista que o leitor seria uma criança, e que seria mais interessante nacionalizar essas histórias.

Nesse sentido, as produções literárias para crianças de Lobato buscaram minimizar a assimetria inevitável na literatura infantil, escrita e comercializada por um adulto mas que teria que ser lida por crianças. Houve uma ruptura da rigidez gramatical e da linguagem a fim de que seus livros pudessem ser lidos como se o leitor estivesse ouvindo uma história, ou seja, suas obras deveriam estar mais próximas da linguagem viva e oral. Ainda segundo Vieira (2001)²⁷, havia também uma preocupação com o rompimento da tradição de textos didáticos ou de formação moral e cívica. Dessa forma, os leitores infantis exerceriam seus direitos à liberdade e ao questionamento do que Lobato estava lhes oferecendo como leitura. Ela acrescenta que o objetivo principal dele era o de divertir, educando em plena liberdade e criatividade.

...podemos concluir que seu objetivo principal seria divertir e, em segundo lugar educar, mas educar para a plena liberdade e o livre arbítrio. Em sua obra infantil, sempre que as personagens do Sítio são colocadas na posição de leitoras, não apenas recebem as histórias, mas as discutem, dialogando e questionando, às vezes concordando, outras discordando das mesmas. Dessa maneira, observa-se que a obra infantil lobatiana busca levar seu leitor a deleitar-se ao mesmo tempo tornar-se mais crítico em relação àquilo que recebe: trata-se, pois, de uma poética da leitura que, não obstante sua modernidade, não está tão distante da concepção horaciana da arte, que deveria ser ao mesmo tempo “útil” e “bela”. (VIEIRA p.48)

²⁷VIEIRA, Adriana S. *O livro e a leitura nos textos de Lobato*. In: Lendo e escrevendo Lobato. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 134p (45-60)

3.2. Monteiro Lobato e o Sítio do Pica Pau Amarelo.

A metáfora da leitura solicita por sua vez outra metáfora, que exige ser explicada em imagens que estão fora da biblioteca do leitor e, contudo, dentro do corpo dele, de tal forma que a função de ler é associada a outras funções corporais essenciais²⁸. (MANGUEL, p.25)

De acordo com Vieira (2001)²⁹, a concepção Lobatiana de leitura normalmente era manifestada por meio de metáforas tão concretas quando as representações encontradas em sua obra infantil. Para exemplificar, Vieira cita um trecho de uma carta dele para um amigo, onde se pode observar a forma lúdica como Lobato comenta Nietzsche utilizando textos do filósofo alemão de forma particular, levando-os para o ambiente brasileiro, da mesma forma que aconteceria mais tarde com as leituras do Sítio do Pica Pau Amarelo:

Andamos agora cheios de projetos grandiosos. Em janeiro vamos nos meter pelos sertões da Mantiqueira para apalpar o terror cósmico e ler Nietzsche berradamente do alto das massaranducas. E panteizar³⁰ (MANGUEL, p.25).

Com o seu livro *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato lança o Sítio do Pica Pau Amarelo e seus célebres personagens. Por meio desses personagens, Lobato articula-se nas histórias, lançando suas críticas com relação à sociedade, como, por exemplo, na figura do Visconde de Sabugosa (uma espiga de milho) critica o sábio que só acredita nos livros já escritos. Emília (uma boneca de pano), por sua vez, é uma representação crítica de tudo que a circunda e diz tudo que pensa. Dona Benta é o personagem adulto que interage com o mundo infantil. Tia Nastácia é o adulto não escolarizado que vê pecado em tudo no mundo. Por fim, os personagens Narizinho e Pedrinho, que são crianças questionadoras e que confrontam suas experiências com o que os mais velhos dizem e se apresentam mais abertas para o mundo.

²⁸ MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

²⁹ Ibidem.

Enquanto Dona Benta e Tia Nastácia são contadoras de histórias, as crianças e bonecos são leitores capazes de entrar nas histórias dos livros e ali viver as aventuras quando desejarem. Podem trazer suas personagens prediletas para seu mundo e criar novas aventuras.³¹ (VIEIRA, p.61)

Nesta obra, Lobato engloba os clássicos e fábulas infantis universais, a mitologia grega, a história do Brasil e, ainda assuntos relacionados aos direitos humanos, preservação da natureza, e outros, com uma preocupação clara de educar divertindo.

3.3. Dom Quixote das Crianças

Dom Quixote das Crianças é uma adaptação de Monteiro Lobato do livro de Miguel de Cervantes *Don Quixote de La Mancha*. Essa obra de Miguel de Cervantes se resume na história de um nobre espanhol falido, voraz leitor de novelas de cavalaria, que começa a confundir a realidade com as histórias de seus livros e se imagina um cavaleiro. Um dia, resolve sair pelo mundo trajado como um verdadeiro cavaleiro acompanhado pelo seu cavalo, o Rocinante, a fim de iniciar as suas aventuras: defender os perseguidos, impedir os maus tratos dos humildes, consertar tudo que está errado no mundo e fazer justiça. Em sua imaginação, tornou-se um cavaleiro corajoso e sonhador. Como era um visionário e confundia situações corriqueiras reais com perigos imaginários, sempre se colocava em situações embaraçosas e complicadas. No decorrer de suas aventuras, o cavaleiro encontra Sancho Pança que se torna seu fiel escudeiro, acompanhando-o nas suas aventuras sob a promessa de tornar-se Governador de uma ilha até a sua morte. O texto vai se construindo como uma ficção dentro da ficção, como um olhar agudo que penetra as frestas do real, nelas descortina o imaginário, atribuindo a este os contornos e limites próprios da realidade.

Na adaptação de Monteiro Lobato, há uma brincadeira de gêneros entre a obra de Cervantes, que parte de uma novela de cavalaria para realização de uma “história infantil”. É um jogo arquitetado entre as aventuras do cavaleiro solitário viajante com seu fiel escudeiro e as aventuras dos personagens do *Sítio do Pica Pau*

Amarelo. Apesar de serem publicados em épocas bem distantes, *Dom Quixote das Crianças* estabelece um diálogo intenso com a obra de Cervantes, e Lobato manteve as diferenças entre as duas obras, pois estava centrado em revelar a importância de um clássico como *Dom Quixote de La Mancha*, o que não significou um obstáculo para a compreensão de sua obra.

Em complemento ao trabalho de adaptação de Lobato, Lajolo³² diz o seguinte:

A adaptação de Lobato começa por mudar o título do original castelhano: Don Quijote de la Mancha transforma-se em D.Quixote das Crianças. Esta alteração é significativa: mantém o nome do protagonista, a sonoridade anasalada da palavra final (Mancha/Criança) mas em vez da origem geográfica do herói, o título brasileiro marca tanto a destinação do livro, quando a apropriação do herói pelos leitores. (2005,p.4)

Apesar da sua preocupação em introduzir os Clássicos no mundo infantil, Lobato tinha, ao mesmo tempo, o desejo de extinguir seu “falar difícil”, e a “literatice” partindo do ponto de vista em que seu leitor seria uma criança. Portanto, esta adaptação esteve centrada na arte de revelar a essência de um clássico como *Dom Quixote de La Mancha*, num livro onde os leitores infantis pudessem “morar”, por meio de uma linguagem e narrativa simples.

3.3.1. **Emília descobre Dom Quixote**

Na adaptação de Lobato, as aventuras de *Dom Quixote* se iniciam com peripécias infantis de Emília. Aproveitando a ausência de Dona Benta e com ajuda do Visconde, Emília resolve mexer na estante de livros a procura dos seus favoritos: os de figuras. Ela vê dois grossos volumes de uma antiga versão de Portugal da obra *Dom Quixote de La Mancha*. Na tentativa de retirá-los, os volumes acabam caindo em cima de seu ajudante, o Visconde, esmagando-o por completo. Saiu um líquido do corpo de Visconde que Emília e guardou num frasco imaginando que seria o caldo da ciência, já

³² Lajolo, M. Ensaio: *Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos da leitura*. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/quixote.pdf>. Acessado em 16 Jul 2011

que este seu amigo era a fonte de informação e conhecimento do grupo por estar sempre envolvido com os livros.

Vieira comenta o episódio dos livros caindo sobre o Visconde de Sabugosa³³ com as seguintes observações:

a relação do Visconde com os livros também é sugestiva. O boneco, que mora na estante de Dona Benta...O contato direto com eles faz com que o boneco “absorva” o conhecimento. A natureza da leitura do Visconde é demonstrada, a princípio, pelos comentários das crianças: “parece que os livros pegaram ciência nele³⁴. (VIEIRA, p.58)

Na tese de Mestrado de Rosa Maria Justo³⁵, encontra-se uma interpretação similar à de Adriana Viera:

É interessante ter em conta também que esse episódio aponta para o fato de que Lobato se preocupava em adaptar sua obra a uma linguagem mais simples: o esmagamento do Visconde também poderia estar associado a uma metalinguagem, no sentido de que o Visconde representaria uma linguagem mais complexa e o seu esmagamento abriria caminho para uma linguagem simples, acessível às crianças.(JUSTO, p.88)

Emília estava curiosa para verificar as figuras desses volumes tão suntuosos e começou a folheá-los. O primeiro contato foi a leitura do sobrenome do autor que tinha duas letras “a”, uma ao lado da outra: Saavedra, e resolve simplificar rabiscando o segundo “a” no livro. Feito isto, começou a admirar e analisar as enormes gravuras que representavam o nobre fidalgo com um livro na mão e uma espada ao seu lado.

Lajolo (2005)³⁶ contextualiza os episódios do livro derrubado e da implicância com os “as” da seguinte forma: o primeiro representaria a implicância do

³³ Ibidem

³⁴ Reações de Narizinho, op.cit.,p.105.

³⁵ Ibidem

³⁶ Idem

autor com a rigidez marcada pela norma culta e o segundo que livro é para “ler” ou “ouvir” *Dom Quixote* não uma obrigação ou dever de escola. O livro nasce, portanto, de uma curiosidade e de uma travessura.

Além disso, ela menciona o primeiro contato de Emília com o livro que foi trabalhoso, desastroso e apontou para um primeiro estranhamento linguístico, uma palavra com dois “a”; uma forma metafórica de representação da diferença entre o mundo dos Clássicos (antigo e imponente) com o mundo infantil (imediatista e simplista), neste último caso, o mundo de Emília. Essa primeira parte da obra de Lobato não tem relação direta com o enredo de *Dom Quixote*, mas está relacionada à questão dos clássicos, norma culta e todo referencial com relação ao conhecimento e os livros.

3.3.2. As primeiras aventuras de Dom Quixote

Pedrinho teve que ajeitar um suporte para que Dona Benta pudesse manusear o livro que era grande demais. Depois do suporte ajeitado, Dona Benta começou a explicar que o livro foi escrito por um grande escritor, Miguel de Cervantes Saavedra, e nota que um dos “a” foi rabiscado. Pergunta quem foi e Emília explica que não viu necessidade de duas letras iguais e que resolveu rabiscar uma. Dona Benta chama atenção de Emília alertando sobre a importância desse livro, raro e precioso, e também sobre a importância do respeito à propriedade alheia. Ela explica, ainda, sobre a importância da leitura dos Clássicos para se conhecer o Português “a fundo”. Após iniciar a leitura, Emília a interrompe dizendo que o Português pode ser perfeito, mas ela não conseguia entender as palavras e, portanto, a história. Dona Benta explica, então, que o livro tornou-se um clássico por estar escrito em alto estilo e pelas suas sutilezas de forma, mas que entendia que, para torná-lo compreensível às suas crianças, irá contar as aventuras de Dom Quixote e não lê-las.

Com esta passagem da leitura à narração oral, Lobato sugere a inadequação dos clássicos na sua versão original para um público jovem. Nesse capítulo, Lobato também utiliza a metáfora para explicar o peso e o significado de um

Clássico quando narra a montagem de suporte feita por Pedrinho.

Segundo Marisa Lajolo (2005)³⁷, a decisão de Dona Benta de “contar” e não “ler” o livro foi sábia, pois resgatou a atenção das crianças que só a partir de então começaram a interessar-se pela narrativa, colocando-se no lugar das personagens e a discutirem entre si e com a avó sobre o que se passava nas aventuras de Dom Quixote. Neste sentido, parece que Lobato quis dar uma atenção especial a respeito da mediação como um passo importante para iniciação dos jovens à leitura. “Contar” a história de um Clássico é uma estratégia para superar a transitória incapacidade dos jovens entenderem este tipo de obra na íntegra. Mesmo se dispondo a “contar” o livro, Dona Benta não se nivela a seus ouvintes nem desvaloriza a história que conta. Muitas vezes, alguns termos do original são mantidos, o que poderia ser, talvez, uma estratégia para “educar” lingüística e literariamente seus ouvintes.

3.3.3. As aventuras de Dom Quixote

Os dois primeiros capítulos são uma introdução sobre o significado e a importância dos Clássicos, assim como para explicar o livro de Cervantes. Dona Benta começa a “contar” as aventuras de Dom Quixote do terceiro capítulo a diante quando Dom Quixote resolve sair à procura de outro cavaleiro que pudesse oficializar sua própria posição de cavaleiro. Encontra um albergue de beira de estrada, mas, para imaginação de Dom Quixote, é um castelo no qual pensa que lá encontrará o tal cavaleiro.

Por conta de algumas confusões engenhadas pelo estranho viajante, o dono da pensão resolve apressar a encenação para armá-lo como cavaleiro para se livrar o mais depressa possível do maluco viajante. Após o recebimento de suas honras como cavaleiro, sua primeira aventura foi a de salvar uma jovem criatura dos maus tratos de seu dono, mas deixa-se enganar pelas promessas desse dono em libertar a pobre

37 LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos da leitura in Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.

criatura. A próxima aventura do cavaleiro cavalheiro é quando se depara com mercadores de Toledo e os obriga a dizer que a sua Dulcinéia Del Toboso é a mais formosa dama do mundo. Os mercadores ofendem a dama e Dom Quixote sentindo-se ofendido, decide investir contra eles. Porém, o seu cavalo Rocinante tropeça numa pedra e o cavaleiro cai ao chão numa posição desconcertante, embaraçado com sua armadura, sendo acudido por um homem de sua aldeia que o leva de volta para casa. De volta, de seus livros de cavalaria terem sido queimados, as aventuras do cavaleiro andante não terminam e Dona Benta continua a contá-las todos os dias.

Como apontado por Lajolo (2005)³⁸, ao longo de vários serões Dona Benta vai contando a aventura de Don Quixote, mas insiste que “ler um livro” é melhor do eu “ouvir” sua história e que as crianças ainda eram jovens para desfrutar da obra de Cervantes e cita o trecho referente a este episódio no livro de Machado:

- É uma lástima – disse Dona Benta – eu estar contando só a parte aventureira da história do cavaleiro da Mancha. Um dia, quando vocês crescerem e tiverem a inteligência mais aberta pela cultura, havemos de ler a obra inteira nesta tradução dos dois viscondes, que é ótima. (1994, p.70)

Dona Benta aproveita-se desses momentos de encontros das crianças para introdução de assuntos relacionados aos costumes da Idade Média, reflexões sobre a condição humana e social do engenhoso fidalgo, assim como para explicar questões lingüísticas; como o capítulo XXVIII – D. Quixote em Barcelona, o Cavaleiro da Branca Lua:

- Ótima nada! - berrou Emília – A gente não percebe a metade do que eles dizem. Adarga antiga! Lança em cabido! Bolas!
- É que a escrita em português que já não é bem o nosso de agora. Hoje usamos a linguagem mais simplificada possível, como a de Machado de Assis, que é o nosso grande mestre. Os escritores portugueses, que chamamos de clássicos, usavam uma forma menos singela, mais cheia de termos próprios, mais rica, mais interpolada...
- Lá vem, lá vem a senhora com palavras difíceis! Interpolada!...
Dona Benta riu-se.

³⁸ Ibidem.

- Sabem o que é: Nada mais, nada menos que a combinação de várias orações na mesma frase. Vou dar um caso.

Dona Benta abriu o livrão e procurou uma frase que servisse de exemplo. Achou esta, do episódio dos galeotes algemados...

...”Tamanha foi a revolta, que os guardas, já para terem mãos nos galeotes, que se estavam soltando já para se avisarem com D. Quixote que os acometia a eles, não puderam fazer coisa que proveitosa lhes fosse.”

- Que embrulhinho! – berrou Emília – Que “interpolação” levada da breca....

Dona Benta explicou:

- Neste período há muitos verbos e portanto muitas orações, umas interpoladas nas outras, isto é, metidas entre as outras.

- Um picadinho de orações, uma salada – disse Emília. – Eu gosto dos períodos simples, que a gente engole e entende sem o menor esforço. Esses assim até dão dor de cabeça. São charadas.

- Para vocês, meus filhos, que estão começando a lidar com a língua. Já eu entendo o período perfeitamente, sem nenhuma dificuldade.

- E como se diz isso em língua moderna simplificada:

- Poderá se dito assim: “Tamanha foi a revolta dos galeotes que os guardas nada puderam fazer diante daquele duplo embaraço: os prisioneiros a se soltarem das algemas e D. Quixote a atacá-los com a espada”.

- Bom – disse Narizinho. – Isto já está mais claro.

- E não dá dor de cabeça – acrescentou Pedrinho. – Eu poderei admirar muito os escritores clássicos; mas, para ler, quero os modernos, como esse tal Machado de Assis que a senhora tanto gaba.... (LOBATO, p.85-86)

Outro ponto que chama atenção neste capítulo é o escritor Machado de Assis ser considerado um escritor cujas obras são de fácil compreensão para Narizinho, Pedrinho e considerado como um autor moderno. Claro que este tipo de afirmativa está dentro do contexto da data de publicação desta obra de Lobato, 1936. O mesmo não ocorre com as obras infantis de Monteiro Lobato, pois apesar de suas obras também serem consideradas clássicas não há obstáculos com relação a sua linguagem e forma narrativa para os leitores infantis do século XXI.

Para Lajolo (2002)³⁹, ao tematizar de forma tão engenhosa livros e leituras, através de seus efeitos em leitores, Dom Quixote das Crianças rende uma homenagem a Miguel de Cervantes. A adaptação combina bem com a história original que discute leitores, livros, leitura e literatura. Se na versão original um dos significados

³⁹ Ibidem.

da novela é o diálogo que ela mantém com a novela de cavalaria e com práticas de leitura, a versão de Lobato atualiza a discussão, remetendo-a para o Brasil da primeira metade do século XX. Um Brasil cujo sistema literário começa a conhecer a segmentação do mercado que inspira e absorve a adaptação de um clássico para uma audiência infantil.

Como bem diz Lajolo (2002)⁴⁰, ao final de seu livro Monteiro Lobato presta a maior homenagem que um leitor pode prestar a um escritor, e que se torna ainda maior quando o leitor é um escritor. Emília nega-se a ouvir contar a morte de D.Quixote: “Como morreu, se D.Quixote é imortal?”- pergunta a boneca. E ela, como sempre, está certa. D.Quixote não morreu. Está *vivo y sano*.

3.3.4. Adaptações como *Dom Quixote das Crianças* e o contato com os Clássicos Universais.

Ela acrescenta no seu ensaio para o site da Unicamp em comemoração aos 400 anos de *Don Quijote de la Mancha* de Miguel Cervantes (1547-1616), mencionou que, na época, a recepção do público infantil da obra adaptada por Monteiro Lobato foi positiva, apesar de polêmica sob o ponto de vista dos adultos e recebeu várias cartas de jovens leitores comprovando seu sucesso. A idéia da adaptação deste livro para o público infantil partiu de uma carta que Lobato recebeu de uma criança: *Don Quixote e Sancho ainda aparecem ai no Sítio?*⁴¹

Informou ainda, que Lobato costumava utilizar idéias expostas no original de Cervantes nas suas produções e considerou a pergunta bastante sugestiva. Ele percebeu que a presença de Quixote na sua obra iria além da ficção, transbordando para a epistolografia.

A narrativa desta obra de Lobato está sempre relacionada à questão dos clássicos, da norma culta, enfim a todo referencial com relação ao conhecimento e aos

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Esta carta faz parte do acervo do Instituto de Estudos Brasileiro da Universidade de São Paulo. Arquivo Raul de Andrada e Silva .

livros. Há uma brincadeira de gêneros entre a obra dele e de Cervantes, que parte de uma novela de cavalaria para realização de uma “história infantil”. É um jogo arquitetado entre as aventuras e assuntos relacionados ao conhecimento de mundo infantil.

Considerando os aspectos mencionados, o Quixote lobatiano não é apenas uma obra para o público infantil, mas como afirma Marisa Lajolo⁴²:

É um Quixote para leitores frágeis e efêmeras figuras das quais o herói de Cervantes é um belíssimo emblema, representado-lhes os riscos, sonhos, esperanças e prazeres” (2005 p.12)

O sucesso desta produção literária e das demais, deve-se, principalmente pela articulação literária de Lobato de minimizar a assimetria inevitável na literatura infantil, escrita e comercializada por um adulto, mas que teria que ser lida por crianças. Ele contextualizou as aventuras de Dom Quixote dentro do conhecimento de mundo das crianças. Na época, a sociedade brasileira ainda estava muito ligada à vida rural e o Sítio do Pica Pau Amarelo estava próximo dessa sociedade. Desta forma, a compreensão sobre um mundo fantástico de Dom Quixote foi apresentado por Lobato de forma a aproximar-se do mundo do leitor. Uma forma inteligente para formação de um leitor proficiente capaz de reconstruir quadros complexos envolvendo personagens, eventos, ações, intenções para assim chegar à compreensão do texto, utilizando para isto, operações que não são foco de reflexão do consciente.

Conforme Haqira Osakabe⁴³, em *Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita*, aprender a ler não corresponde simplesmente à aquisição de um novo código e nem ao simples desenvolvimento de um tipo de percepção através do acréscimo de uma nova habilidade. Além disso, faça-se necessário, o acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e organiza: o mundo da escrita.

⁴² Ibidem.

⁴³ ZILBERMAN, R. (Org). *Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p.149.

Desse modo, Monteiro Lobato utilizou três ferramentas necessárias como facilitadores ao acesso ao mundo da leitura: a oralidade, a escrita e a proximidade de conhecimento de mundo do leitor, facilitando a apresentação de um gênero literário diferente.

Se a leitura é compreensão, produção e interação com o meio, um leitor é um ser ativo na sociedade capaz de expressar pensamentos e incorporar significações no processo social em que vive. Neste sentido, a leitura é uma ação cognitiva e social. Sendo assim, o lúdico é um princípio motivador que aproxima o leitor do real, despertando o prazer que, algumas vezes, é reprimido em virtude de leituras forçadas que fogem do compromisso de relacioná-las com a expressão da liberdade. A adaptação de Monteiro Lobato, *Dom Quixote das Crianças*, apresenta características necessárias para uma leitura lúdica aproximando o leitor do real por meio de suas artimanhas narrativas centradas na ficção e na fantasia, nem por isto deixando de ser leal aos aspectos e conteúdos apresentados na versão original.

Dom Quixote das Crianças, assim como os demais livros de Monteiro Lobato devem ser considerados Clássicos Universais. Portanto, fazer uma análise sobre a contribuição deste livro para o público infanto-juvenil do século XXI seria um estudo da contribuição de um Clássico Universal para estimular a leitura de outros Clássicos Universais.

Existem adaptações de *Don Quixote de La Mancha* mais atualizadas e contextualizadas à realidade do século XXI, cujo contexto social e econômico é completamente diferente da época de Monteiro Lobato. Foram selecionados dois livros para serem analisados: *Dom Quixote*⁴⁴, tradução e adaptação de Walcyr Carrasco e *Dom Quixote*⁴⁵, adaptação de Michael Harrison e Tradução de Luciano Vieira Machado com apresentação de Ana Maria Machado. Mas como o foco deste trabalho não é o estudo sobre as adaptações por si próprias e sim sobre a sua contribuição para motivação à leitura dos Clássicos Universais, a análise está focada na comparação com a adaptação e

⁴⁴ CERVANTES, M. *Dom Quixote*. Tradução e adaptação de Walcyr Carrasco. São Paulo:FTD, 2002

⁴⁵ Idem. *Dom Quixote*. Adaptação de Michael Harrison.Tradução de Luciano Vieira Machado. Apresentação de Ana Maria Machado. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

tradução de Monteiro Lobato com as adaptações selecionadas. As duas versões apresentam narrativas na 3ª pessoa, mas não há o jogo de gêneros como a adaptação de Monteiro Lobato. É uma história escrita para ser lida e não uma história escrita e contada para ser lida. Ambas seguem as regras da norma culta. No entanto, não deixam de proporcionar uma leitura prazerosa. Não há uma relação entre narrativa, personagem e o leitor.

A adaptação de Michael Harrison está na sua 11ª edição, mas não se pode concluir se pela sua repercussão junto ao público infanto-juvenil ou se é requisita pelas instituições educativas. Tampouco há elementos com relação à sua contribuição para um contato futuro deste público para um contato com a versão original.

Durante a pesquisa bibliográfica, foram encontrados vários depoimentos de escritores famosos sobre a sua relação aos seus primeiros contatos com os Clássicos Universais por meio de histórias contadas e/ou adaptadas quando crianças que provocaram o desejo de ler as versões originais nas suas fases maduras. Diferentes livros foram lidos ou “contados” para eles e que passaram, de alguma forma, a fazer parte de sua bagagem cultural e afetiva que foi incorporada em suas vidas.

Mesmo estes escritores sendo de uma geração e de época bem diferente de hoje em dia, não se deveria pensar que a leitura de Clássicos perdeu o sentido e, portanto, deve ser abandonada nestes tempos de domínio tecnológico *com diferentes telas sobre a palavra impressa em papel* (LAJOLO, 2002, p.12)⁴⁶

⁴⁶ Ibidem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos escritores consagrados têm relatos sobre suas experiências positivas e os reflexos do contato com livros e da leitura na sua infância. O depoimento de Ana Maria Machado no Capítulo 2 desta monografia, por exemplo, reforça pontos das teorias sobre a psicologia do desenvolvimento e da educação de Piaget e Vygostky de que as lembranças infantis tendem a ficar nítidas e duráveis, talvez porque nas crianças a memória esteja ainda virgem e disponível de forma que as impressões deixadas nela ficam marcadas, dependendo da forma que as informações repassadas são trabalhadas.

Os relatos desses escritores naturalmente refletem a realidade de suas épocas. Por outro lado, os jovens de hoje têm o mundo à sua frente nos meios eletrônicos da TV e da Internet. A invasão desses meios fáceis de comunicação disponibiliza uma quantidade ainda hoje inimaginável de informações que, no entanto, muitas vezes não tem a mínima garantia de qualidade e veracidade, ou de que não é usada de forma deturpada ou manipuladora em prejuízo da mente jovem que, por virgem e disponível, aceita e absorve tudo que lhe vem à frente. A própria elaboração do mundo de fantasia, que costumava acompanhar a leitura ou a narrativa oral, hoje vem pronta, avassaladora como um tsunami sobre o jovem ou a criança em frente à televisão, com uma velocidade que não deixa espaço para a reflexão e para o desenvolvimento do seu senso crítico. Neste cenário, onde encontrar um espaço para o livro?

No entanto, livros de sucesso como *Harry Potter*, *Crônicas de Nárnia* ou *Crepúsculo* mostram que, ainda rodeado pela televisão, Internet ou vídeo-games, existe um espaço para a leitura, para a elaboração da fantasia individual e das emoções, para viagem e conhecimento de novos universos.

Pode-se até mudar o suporte do texto, na forma de livros eletrônicos, leitores como o Kindle ou os leitores em tablets, mas o conteúdo escrito continua atraindo as pessoas, talvez por sua característica única de proporcionar, a cada leitura, novas viagens, imagens e percepções.

A literatura dos clássicos, que está impregnada no nosso coletivo, pode aproveitar-se desse espaço e atração, desde que trabalhada de forma adequada na família ou na escola, que parece ser o último reduto para a iniciação à leitura e literatura.

Quem sabe a formação de professores-leitores-narradores, verdadeiras Donas Bentas modernas, além de adaptações para a linguagem e interesses do século XXI sejam o caminho para o resgate e a orientação do gosto pela leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, P. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AZEVEDO, R. *Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.br/artigo07.htm>>. Acesso em 12 jul 2011.

BARROS, Regina. *O papel da Internet na educação*. Disponível em: <www.educacaohoje.nosapo.pt/papel.htm>. Acesso em 12 jul 2011.

CERVANTES, M. *Dom Quixote*. Tradução e adaptação de Walcyr Carrasco. São Paulo:FTD, 2002

_____. *Dom Quixote*. Adaptação de Michael Harrison.Tradução de Luciano Vieira Machado. Apresentação de Ana Maria Machado. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2010

FORMIGA, G.M. *As adaptações de textos literários no Brasil: um gênero em discussão*. In: 15º Congresso sobre Leitura, 2005. Campinas, Anais do 15ºCOLE. UNICAMP, 2005

GOUVÊA, M.C.S. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: Lendo e escrevendo Lobato. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LAJOLO, M.. *O que é literatura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos da leitura in Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Ensaio: Monteiro Lobato e Dom Quixote: viajantes nos caminhos da leitura. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/quixote.pdf>. Acessado em 16 Jul 2011

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil: Autoritarismo e Emancipação*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

LOBATO, J.B.M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Nacional, 1931.

_____. *Dom Quixote das Crianças*. 27 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOPES, E.M.(org). *Lendo e escrevendo Lobato*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

PIAGET, J. *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

SILVA, M.V.T. *Literatura Infanto-juvenil: seis autores, seis estudos*. 1 ed. Goiânia:UFG, 1994.

SOUZA, M.A.R *A Literatura na escola: prazer na formação do gosto experiência em leitura com alunos do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

VIEIRA, A. S. O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VYGOSTSKY, L. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Icone, 1988.

ZILBERMAN, R. *A Literatura Infantil na Escola*. 5 ed. São Paulo: Global, 1985.

_____. (Org). *Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.